

A GRANDE HISTÓRIA
DOS MITOS GREGOS

Stephen Fry

A GRANDE HISTÓRIA DOS MITOS GREGOS

Tradução
Ana Glória Lucas

CLUB
DE
AUTÓR
OR

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

© 2017, Stephen Fry
Direitos para esta edição:
© 2018, Clube do Autor, S. A.
Avenida António Augusto de Aguiar, 108 – 6.º
1050-019 Lisboa, Portugal
Tel. 21 414 93 00 / Fax: 21 414 17 21
info@clubedoautor.pt

Título original: *Mythos*
Autor: Stephen Fry
Tradução: Ana Glória Lucas
Revisão: Silvina de Sousa
Paginação: Gráfica 99
em caracteres Palatino
Impressão e acabamento: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-724-460-5
Depósito legal: 448 053/18
1.ª edição: novembro, 2018

www.clubedoautor.pt

ÍNDICE

Prefácio	11
----------------	----

PARTE UM

O COMEÇO

A origem a partir do caos	21
As divindades primordiais	23
A Segunda Ordem	25
Choque de titãs	55
A Terceira Ordem, os olímpicos	69

PARTE DOIS

OS BONECOS DE ZEUS, O REI DOS DEUSES

Prometeu e a criação da raça humana	119
A vingança de Zeus sobre os homens	133
Perséfone e as estações do ano	149
Cupido e psique, a história do amor	157
Os mortais	185
A lição de Fáeton	191
Cadmo e a fundação de Tebas	205
Dioniso, o duas vezes nascido	223
Deusas enraivecidas	235
O médico e o corvo	241

A GRANDE HISTÓRIA DOS MITOS GREGOS

A roda de Ixíon	247
O castigo eterno de Sísifo	255
Hubris e o desafio dos deuses	271
A audácia de Aracne e a primeira aranha	279
Metamorfozes mortais e imortais	287
Eos e Titono, um amor imortal	301
O desabrochar da juventude	309
Eco e Narciso	315
A grande tragédia romântica	329
Galateias	333
Aríon e o golfinho	347
Filémon e Báucis ou a hospitalidade recompensada	357
Frígia e o nó górdio	365
Midas e o toque de ouro	369
Posfácio	379
Notas finais	387
Agradecimentos	395

ΓΙΑ ΤΟΝ ΈΛΛΙΟΤΤ ΜΕ ΑΓΆΠΗ

PREFÁCIO

Ainda criança, tive a sorte de pegar num livro intitulado *Tales from Ancient Greece*. Foi amor à primeira vista. Por muito que viesse mais tarde a deliciar-me com os mitos e as lendas de outras culturas e outros povos, havia qualquer coisa nessas histórias gregas que me iluminavam interiormente. A energia, o humor, a paixão, a especificidade e os pormenores verosímeis do seu mundo fascinaram-me desde as primeiras palavras. Espero que com os meus leitores aconteça o mesmo. Talvez já conheçam alguns dos mitos aqui relatados, mas dirijo-me especialmente àqueles que podem desconhecer as figuras e as histórias da mitologia grega. Não é preciso saber nada para ler este livro; ele começa com um universo vazio. Não é necessário qualquer «educação clássica», ou conhecimento sobre a diferença entre néctar e ninfas, sátiros e centauros, ou sobre os Fados e as Fúrias. Na mitologia grega, não existe nada de académico nem de intelectual; é viciante, lúdica, acessível e espantosamente humana.

Mas de onde vieram eles, esses mitos da Grécia Antiga? No emaranhado da história humana, podemos ser capazes de puxar pela ponta de um único fio grego e segui-lo até às origens, mas, ao selecionarmos uma civilização e as suas histórias, pode-se pensar que estamos a tomar algumas liberdades em relação à verdadeira fonte do mito universal. Os primeiros seres humanos maravilharam-se com as fontes de energia que alimentaram os vulcões, as trovoadas, os maremotos e os terramotos. Festejavam e veneravam o ritmo das estações do ano, a procissão de corpos celestes no céu noturno e o milagre diário do nascer do Sol.

E interrogavam-se sobre como tudo poderia ter começado. O inconsciente coletivo de muitas civilizações contou histórias de deuses irados, deuses que morrem e se renovam, deusas da fertilidade, divindades, demónios e espíritos do fogo, terra e água.

Evidentemente, os gregos não foram o único povo a tecer uma tapeçaria de lendas e tradições a partir da trama desconcertante da existência. Os deuses da Grécia, se quisermos encarar o tema através dos olhos da arqueologia e paleoantropologia, remontam aos pais celestes, às deusas da Lua e aos demónios do Crescente Fértil da Mesopotâmia – onde se situam hoje o Iraque, a Síria e a Turquia. Os babilónios, sumérios, acádios e outras civilizações da região, que floresceram muito antes dos gregos, tinham as suas histórias sobre a criação e mitos populares, que, tal como as línguas que os exprimiam, podiam encontrar a ancestralidade na Índia e partir daí para ocidente, recuando à Pré-História, a África e ao nascimento da nossa espécie.

Mas sempre que contamos qualquer história, temos de cortar o fio da narrativa em algum sítio, a fim de termos um ponto de partida. É fácil fazer isto com a mitologia grega porque ela sobreviveu com um detalhe, uma riqueza, uma vida e um colorido que a distinguem das outras mitologias. Foi captada e preservada pelos primeiros poetas e chegou até nós numa linha contínua quase desde o início da escrita e até ao presente. Se bem que os mitos gregos tenham muito em comum com os chineses, iranianos, indianos, maias, africanos, russos, nativos americanos, hebreus e nórdicos, eles têm como característica única – como disse a escritora e mitógrafa Edith Hamilton – o serem «a criação de grandes poetas». Os gregos foram o primeiro povo a elaborar narrativas coerentes, até uma literatura, sobre os seus deuses, monstros e heróis.

O arco dos mitos gregos acompanha a ascensão da humanidade, o nosso combate para nos libertarmos da interferência dos deuses – do seu abuso, da sua intromissão, da sua tirania sobre a vida e a civilização humanas. Os gregos não rastejavam perante os deuses. Tinham consciência de que estes sentiam uma vã necessidade da súplica e da veneração, mas acreditavam que os homens eram seus iguais. Os mitos gregos compreendem que quem criou este mundo desconcertante, com os seus caprichos, crueldades, maravilhas, belezas, loucura e injustiça devia ser igualmente caprichoso, cruel, maravilhoso, belo, louco e injusto.

PREFÁCIO

Os gregos criaram deuses à sua semelhança: belicosos mas criativos, sábios mas ferozes, afetuosos mas ciumentos, ternos mas brutais, compassivos mas vingativos.

A grande história dos mitos gregos começa no início, mas não termina no fim. Se tivesse incluído heróis como Édipo, Perseu, Teseu, Jasão e Hércules e os pormenores da Guerra de Troia, este livro seria demasiado pesado até para um titã. Além disso, só me preocupei em *contar* as histórias, não em explicá-las nem em investigar as verdades humanas e as percepções psicológicas que possam estar por trás delas. Os mitos são suficientemente fascinantes em todos os pormenores perturbadores, surpreendentes, românticos, cómicos, trágicos, violentos e encantadores para valerem por si mesmos como histórias. Se os leitores, à medida que avançarem, não conseguirem deixar de se interrogar sobre o que terá inspirado os gregos para inventarem um mundo tão rico e complexo nas personagens e nos incidentes, e se derem por si a refletir sobre as verdades profundas que os mitos encerram – bom, então isso faz certamente parte do prazer.

E prazer é o que se pretende retirar deste mergulho no mundo da mitologia grega.

Stephen Fry

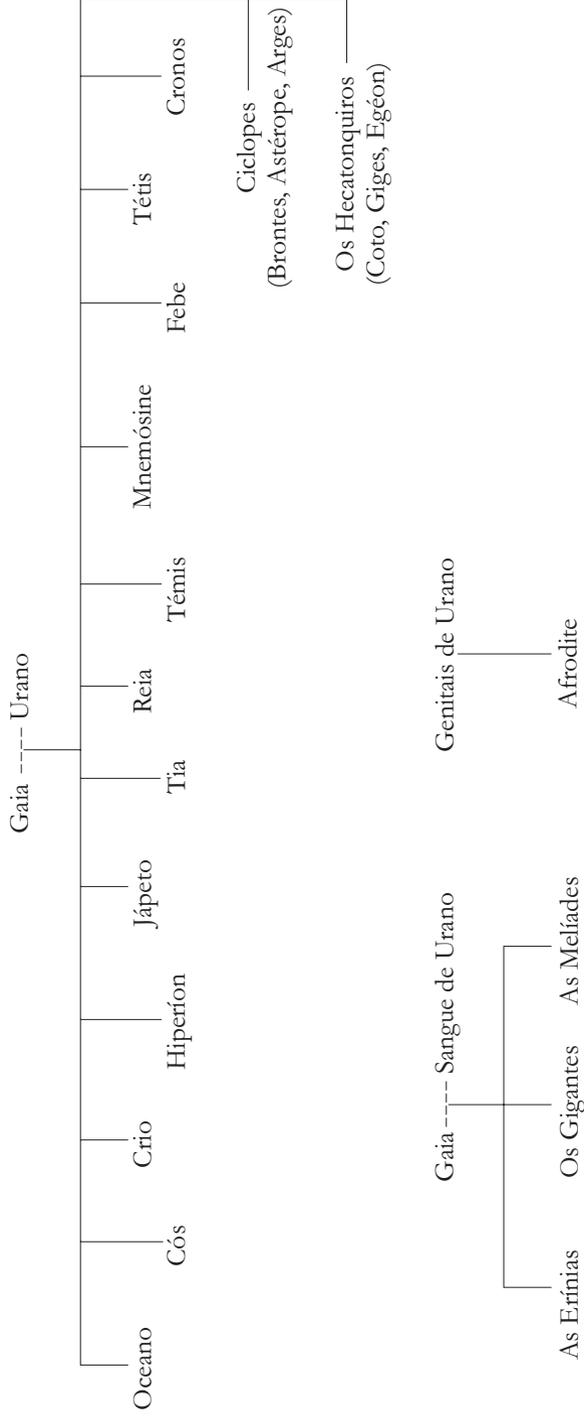


O MUNDO
DOS
MITOS GREGOS

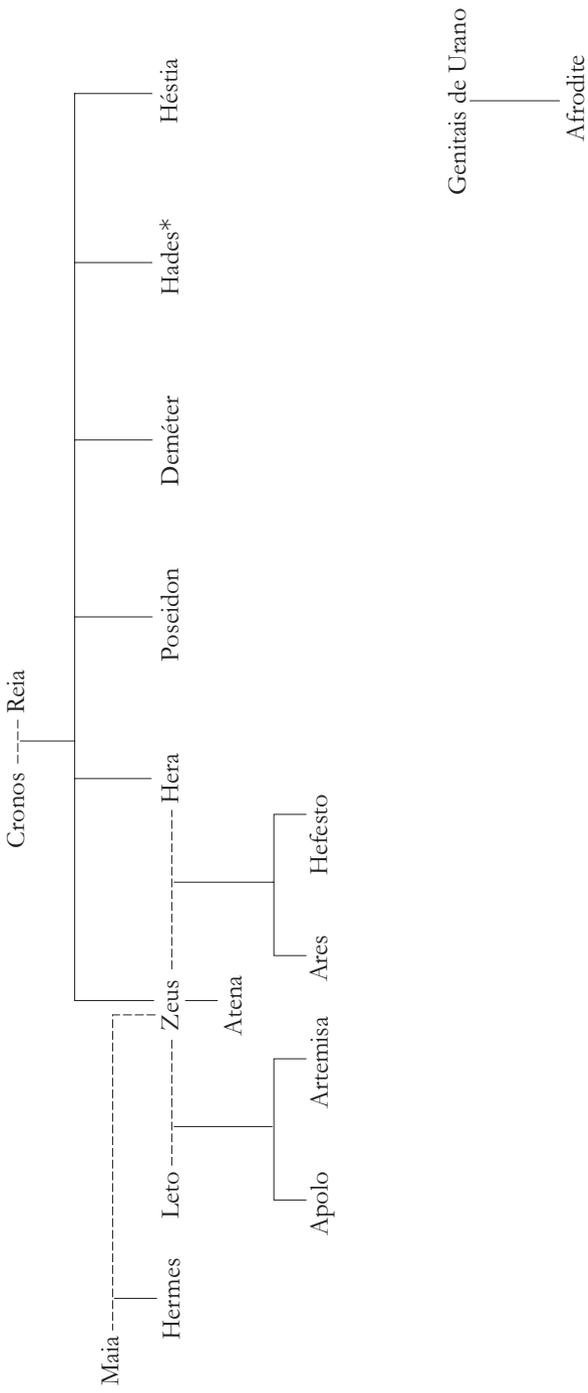
EGITO



A SEGUNDA ORDEM



OS OLÍMPICOS



*Hades não é verdadeiramente um Olímpico, pois passou o tempo no submundo.

PARTE UM

O COMEÇO

A ORIGEM A PARTIR DO CAOS

Na atualidade, a origem do universo é explicada através do Big Bang [ou Grande Explosão], um acontecimento único que criou instantaneamente toda a matéria de que todas as coisas e pessoas são feitas.

Os gregos antigos tinham uma ideia diferente. Diziam que tudo começou não com uma explosão, mas com o CAOS.

Seria o Caos um deus – um ser divino – ou simplesmente um estado de nada? Ou seria o Caos, no conceito que utilizamos a palavra hoje em dia, uma confusão terrível, tal como o quarto de um adolescente mas ainda pior?

Pensemos no Caos talvez como uma espécie de grande bocejo cósmico. Como um abismo ou um vazio imensos.

Se o Caos criou a vida e a matéria a partir do nada, ou se bocejou a vida ou a imaginou, ou se a conjurou de outra forma, isso não sei. Não estava presente. Nem o leitor. No entanto, de certa maneira, estávamos, porque todas as partículas de que somos compostos encontravam-se lá. Basta dizer que os gregos pensavam que foi o Caos que, com uma contração fortíssima, ou um grande encolher de ombros, ou um soluço, vômito ou tossidela, deu origem à longa cadeia da criação que acabou nos pelicanos e na penicilina, nos cogumelos e nos sapos, nos leões-marinhos e nas focas, nos leões, nos seres humanos e nos narcisos, e no homicídio, na arte e no amor, na confusão, na morte e na loucura e nas bolachas.

Seja qual for a verdade, a ciência contemporânea é unânime em que tudo está destinado a *regressar* ao Caos. Chama a este destino inevitável

entropia: uma parte do grande ciclo do Caos até à ordem e novamente de volta ao Caos. As calças que vestimos tiveram início sob a forma de átomos caóticos que de alguma maneira se uniram numa matéria que há eternidades se ordenou numa substância viva, a qual evoluiu lentamente para uma planta de algodão que foi tecida de modo a formar aquela coisa maravilhosa que cobre as pernas encantadoras dos seres humanos. Com o tempo, renunciaremos às calças – não neste momento, espero –, e elas apodrecerão num aterro ou serão incineradas. Em qualquer dos casos, a matéria de que são feitas libertar-se-á finalmente, para vir a tornar-se parte da atmosfera do planeta. E quando o Sol explodir e levar consigo todas as partículas deste mundo, incluindo os compostos das nossas calças, todos os átomos constituintes regressarão ao frio Caos. E o que é verdade para as nossas calças, é evidentemente verdade para nós.

Por isso, o Caos que deu origem a tudo é também o Caos que porá fim a tudo.

Ora bem, o leitor pode ser o tipo de pessoa que pergunta: «Mas quem ou o que existia *antes* do Caos?», ou «Quem ou o que existia antes do Big Bang? Tem de ter existido *alguma coisa*.»

Não existia. Temos de aceitar a ideia de que não havia «antes», porque ainda não existia Tempo. Ninguém carregara no botão para começar o Tempo. Ninguém gritara: *Agora!* E uma vez que o Tempo ainda não tinha sido criado, palavras que a ele se referem como «antes», «durante», «quando», «então», «depois do almoço» e «na passada quarta-feira» não possuíam qualquer significado possível. Obriga a dar voltas à cabeça, mas é assim mesmo.

A palavra grega para «tudo o que existe», aquilo a que chamaríamos «o universo», é *cosmos*. E neste momento – embora «momento» seja uma palavra de tempo e não faça sentido nenhum precisamente agora (nem sequer a frase «precisamente agora») –, neste momento, o *Cosmos* é o Caos e só o Caos porque o Caos é a única coisa que existe. Uma espreguiçadela, uma afinação da orquestra...

Mas as coisas estão prestes a mudar.

AS DIVINDADES PRIMORDIAIS

Do Caos informe nasceram duas criações: ÉREBO e NIX. Érebo, ele, era a escuridão, e NIX, ela, era a noite. Uniram-se imediatamente e os frutos cintilantes da sua união foram HEMERA, o dia, e ÉTER, a luz.

Ao mesmo tempo – porque tudo tem de suceder simultaneamente até que o Tempo exista para separar os acontecimentos –, o Caos produziu mais duas entidades: GAIA, a terra, e TÁRTARO, as profundezas e cavernas da terra.

Posso imaginar o que o leitor está a pensar. Estas criações parecem encantadoras – Dia, Noite, Luz, Profundidades e Cavernas. Mas não eram deuses nem deusas, nem sequer personalidades. E pode ter reparado que, visto que não existia tempo, também não podia haver uma narrativa dramática nem histórias; porque as histórias dependem do Era uma vez e de O que aconteceu a seguir.

E teria razão para pensar assim. O que emergiu primeiro do Caos foram princípios primordiais, elementares, destituídos de qualquer cor, carácter ou interesse reais. Foram estas as divindades primordiais, a Primeira Ordem de seres divinos a partir dos quais derivam todos os deuses, heróis e monstros do mito grego. Mantiveram-se no choco e por baixo de todas as coisas... à espera.

O vazio silencioso deste mundo foi preenchido quando Gaia teve dois filhos sozinha.¹ O primeiro foi PONTOS, o mar, e o segundo foi

¹ Este tipo de nascimento sem fecundação, ou partenogénese, ainda se encontra na natureza. Nos afídios, em alguns lagartos e até em tubarões, é uma forma relativamente

URANO, o céu – nome cujo som tem feito a delícia das crianças dos nove aos noventa anos. Hemera e Éter também procriaram, e da sua união nasceu TALASSA, a equivalente feminina a Pontos, o mar.

Urano, que preferia pronunciar o seu nome como *Uránoss*, era o firmamento e os céus, na medida em que – no início do tudo – as divindades primordiais eram sempre as coisas que eles representavam e sobre as quais governavam.¹ Podia-se dizer que Gaia era a terra das colinas, dos vales, das grutas e montanhas e no entanto era capaz de assumir uma forma que pudesse caminhar e falar. As nuvens de Urano, o céu, pairavam e fervilhavam sobre ela, mas também podiam unir-se em figuras que pudéssemos reconhecer. Estava-se no início da vida de todas as coisas. Pouco estava definido.

comum de dar origem a novos seres. Não existirá a variação permitida por dois conjuntos de genes; o mesmo se passa na génese dos deuses gregos. Os interessantes são os que nasceram de dois progenitores, não de um apenas. (N. do A.)

¹ De facto, *ouranos* é ainda hoje a palavra grega para «firmamento». (N. do A.)

A SEGUNDA ORDEM

Urano, o céu, cobriu a sua mãe Gaia, a terra, por toda a parte. E cobriu Gaia nos dois sentidos da palavra: na medida em que o céu cobre a terra até aos nossos dias e como um garanhão cobre uma égua. Quando o fez, aconteceu algo de assinalável. *Passou a existir o Tempo.*

Mas outra coisa começou também. Como havemos de lhe chamar? Personalidade? Drama? Individualidade? Carácter, com todos os seus defeitos e falhas, modas e paixões, esquemas e sonhos. Começou o significado, poderíamos dizer. A fecundação de Gaia deu-nos o significado, o pensamento germinou como forma. A semiologia semântica seminal do sémen do céu. Deixarei esta especulação para os mais qualificados, mas foi sem dúvida um grande momento. Na criação e união com Urano, seu filho e agora também marido, Gaia desenrolou a fita da vida que percorre toda a história humana e inclusivamente os nossos próprios eus, meu e do leitor.

Desde o início, a união de Urano e Gaia foi gratificamente produtiva. Primeiro chegaram doze filhos robustos e saudáveis: seis rapazes e seis raparigas. Os rapazes foram OCEANO, CÓS, CRIO, HIPERÍON, JÁPETO e CRONOS. As raparigas, TIA, TÉMIS, MNEMÓSINE, FEBE, TÉTIS e REIA. Estes doze filhos tornar-se-iam a Segunda Ordem de seres divinos, fazendo dos seus nomes verdadeiras lendas.

E algures, quando o Tempo entrou na sua existência, nasceu o relógio, o relógio da história cósmica que ainda hoje faz tiquetaque. Talvez o responsável fosse um destes recém-nascidos. Podemos ver isso mais tarde.

Não satisfeitos com estes doze irmãos e irmãs belos e fortes, Urano e Gaia ainda ofereceram ao mundo mais descendência – dois conjuntos de trigêmeos, inconfundíveis mas inconfundivelmente *sem* nada de belo. Primeiro vieram os três CICLOPES, gigantes com um só olho que deram ao Pai Céu uma nova gama de expressões e modulações. O ciclope mais velho chamava-se BRONTES, trovão¹, a seguir veio ASTÉROPE, relâmpago, e por fim ARGES, raio. Urano podia encher os céus com clarões de relâmpagos e trovões estrondosos. Exultava com o barulho e o espetáculo. Mas o segundo grupo de trigêmeos que Gaia pariu causava-lhe ainda maiores calafrios, assim como a todos os que os viam.

Talvez seja mais generoso afirmar que estes trigêmeos eram uma experiência mutacional que nunca seria repetida, um impasse genético. Porque cada um destes recém-nascidos – OS HECATONQUIROS² – tinha cinquenta cabeças e cem mãos e eram tão hediondos, ferozes, violentos e poderosos como qualquer coisa que nunca existira até então. Chamavam-se COTO, o furioso; GIGES, o dos membros compridos, e EGÉON, a cabra-do-mar, chamado também por vezes BRIAREU, o vigoroso. Gaia amava-os. Urano revoltava-se com eles. Talvez se sentisse super-horrorizado por ele, o Senhor do Céu, ter gerado aquelas coisas tão estranhas e feias, mas penso que, tal como a maioria do ódio, a sua repulsa assentava no medo.

Cheio de aversão, amaldiçoou-os: «Por terdes ofendido os meus olhos, não voltareis a ver a luz!» Ao mesmo tempo que rugia estas palavras furiosas, empurrou-os, juntamente com os ciclopes, de novo para o ventre de Gaia.

¹ O brontossauro, ou «lagarto-trovão», foi assim chamado a partir do nome Brontes. É possível que o mesmo tenha acontecido com as irmãs romancistas do Yorkshire. O pai nasceu com o apelido Brunty, mas mudou-o para Brontë, talvez para conferir um toque de grandiosidade ao seu nome irlandês, ou então em honra do almirante Nelson, que tinha sido feito duque de Brontë – o ducado situava-se nas encostas do Etna e crê-se que o seu nome tenha derivado do do ciclope adormecido nas suas profundezas. (N. do A.)

² «Hecaton» significa cem e «quiros» significa mãos (como em «quiropático»). (N. do A.)

A VINGANÇA DE GAIA

Temos bons motivos para nos interrogarmos sobre o que quer dizer «empurrou-os para o ventre de Gaia». Há quem considere que a frase indica que ele sepultou os hecatonquiros na terra. A identidade divina nestes tempos primitivos era uma coisa fluida, sendo difícil de determinar até que ponto um deus era humano ou era um símbolo. Na época não havia maiúsculas. Gaia, a Mãe Terra era o mesmo que *gaia*, a própria terra, assim como *urano*, o céu, e Urano, o Pai Céu, eram só um e o mesmo.

Certo é que, ao reagir desta maneira em relação aos três hecatonquiros, seus filhos, e ao tratar a esposa com uma crueldade tão abominável, Urano cometia o primeiro crime. Um crime elementar que não ficaria sem castigo.

A agonia de Gaia era insuportável e, dentro dela, juntamente com o trio de hecatonquiros contorcendo-se com as suas trezentas mãos e cento e cinquenta cabeças, nasceu um ódio, um ódio terrível e implacável contra Urano, o filho que ela tinha parido e o marido com quem dera origem a uma nova geração. E aí também, tal como a hera que se enrosca numa árvore, nasceu um plano de vingança.

Com a dor lancinante causada pelos hecatonquiros a atormentá-la, Gaia deslocou-se a Ótris, uma grande montanha sobranceira à região da Grécia Central que dá atualmente pelo nome de Ftiótida. Do cume vê-se a planície de Magnésia estendendo-se até às águas azuis do Egeu Ocidental, no ponto em que elas ondulam no golfo de Mália e abraçam as ilhas dispersas chamadas Espórades. Mas Gaia estava consumida por uma dor e uma fúria demasiado intensas para apreciar uma das paisagens mais encantadoras do mundo. No cimo do monte Ótris, meteu mãos ao trabalho, usando a pedra local para dar forma a um artefacto invulgar e terrível. Durante nove dias e noites, trabalhou arduamente até produzir um objeto que escondeu numa fenda da montanha.

Depois, partiu para uma visita aos doze filhos belos e fortes.

– Estás na disposição de matar o teu pai Urano e de governar o cosmos comigo? – perguntou aos filhos, um por um. – Herdarás dele o céu e, juntos, toda a criação nos pertencerá.